

Fundamentos da Pedologia de L.S. Vigotski

Vigotski, L. S. (1933-34/2018) Primeira aula. O objeto da pedologia. In: _____. Sete aulas de L. S Vigotski sobre os fundamentos da pedologia. Rio de Janeiro: E-papers. p. 17-37.

Primeira aula. O objeto da pedologia¹⁰

Hoje, vamos iniciar o curso de pedologia. Nosso curso é propedêutico. Portanto, deve nos apresentar os principais conceitos dessa disciplina e a metodologia de investigação da criança, assim como, na clínica, um curso propedêutico se inicia pela apresentação dos principais conceitos que abrangem a disciplina e pela metodologia de investigação clínica. Depois deste curso, deve vir o de pedologia específica ou o das idades, que deve apresentar a vocês, de forma sistemática, os principais períodos do desenvolvimento infantil.

Hoje, nossa aula introdutória será dedicada ao esclarecimento de duas questões: a do objeto e a do método da nossa ciência, ou seja, o que a pedologia estuda e como faz isso. Essas são as duas principais questões que devem ser apresentadas hoje, logo no início do nosso curso.

Antes de tudo, permitam-me iniciar pela primeira questão. O que a pedologia estuda? Após conhecermos esse objeto de estudo e suas especificidades, então, naturalmente, poderemos chegar à segunda questão. Como esse objeto deve ser estudado e qual é a especificidade do método da pedologia em comparação com os métodos de outras ciências?

Na tradução literal para a língua russa, pedologia significa “ciência da criança”. Mas como acontece frequentemente, a tradução literal de

10 Os trechos em negrito são do original russo e por isso foram mantidos. As notas de rodapé estão diferenciadas por: nota da edição russa (N. da E. R.); nota da tradução (N. da T.); nota da edição brasileira (N. da E. B.).

uma denominação da ciência ainda não expressa suficientemente e de forma precisa o que, desse objeto, é estudado. Podem-se estudar doenças infantis, patologias das idades infantis, o que, em certo sentido, também será ciência da criança. Na pedagogia, pode-se estudar a educação da criança, o que, até certo grau, é ciência da criança. Pode-se estudar a psicologia da criança e isso também será, em certo grau, ciência da criança. Por isso, desde o início, é preciso estabelecer exatamente o que da criança é o objeto do estudo pedológico. Portanto, seria mais preciso dizer que a pedologia é a ciência do desenvolvimento da criança. **O desenvolvimento da criança é o objeto direto e imediato da nossa ciência.**

Ainda assim, essa definição permanece muito incompleta, porque no mesmo instante surge uma questão. Está bem. A pedologia é a ciência do desenvolvimento da criança. Mas o que é desenvolvimento da criança? Sem essa explicação, nunca compreenderemos qual é o objeto da pedologia. Por isso, para a definição desse objeto, permitam-me, vou me deter em algumas especificidades fundamentais e leis básicas mais gerais do desenvolvimento infantil. Se assimilarmos essas leis, saberemos generalizá-las e dizer o que é desenvolvimento infantil. Então, saberemos também como abordar e estudar a questão do método da pedologia.

A primeira e principal lei que caracteriza o desenvolvimento infantil – diferentemente de uma série de outros processos – é que ele possui uma organização muito complexa no tempo. Como qualquer outro processo, ele é histórico, ou seja, transcorre no tempo; tem início, tem etapas temporais determinadas do seu desenvolvimento e tem fim. Contudo, não está organizado no tempo de forma que – se é possível dizer assim – o seu ritmo coincida com o ritmo do tempo; não está organizado de forma que, em cada intervalo de tempo cronológico, a criança percorra um determinado trecho em seu desenvolvimento. Digamos assim: passou um ano e a criança avançou um tanto no desenvolvimento; no ano seguinte, outro tanto etc., ou seja, **o ritmo do desenvolvimento**, a sequência das etapas que a criança percorre, os prazos que são necessários para que ela passe cada etapa não coincidem com o ritmo do tempo, **não coincidem com a contagem cronológica do tempo**. Isso pode ser esclarecido com a ajuda de dois exemplos.

Primeiramente, do ponto de vista da astronomia, do tempo cronológico, um mês é sempre igual a outro, um ano é sempre igual a outro. Entretanto, do ponto de vista do desenvolvimento, o valor de cada mês,

de cada ano é medido **pelo lugar que esse mês ocupa no ciclo do desenvolvimento**. Por exemplo, vocês sabem que, provavelmente, durante os primeiros meses de vida, a criança se desenvolve de modo muito intenso e, em particular, crescem intensamente seu peso e tamanho. Assim, levando-se em conta o crescimento, o peso, o aumento da massa corporal e o comprimento, cada mês é uma etapa muito importante. Durante alguns meses, a criança dobra o seu peso inicial. Em seguida, se nos detivermos, digamos, na idade escolar, veremos que, durante alguns anos, a criança não só não dobra o peso com o qual ingressou nessa idade, como também esse aumento é muito insignificante, expressando-se em alguns porcentos, enquanto no bebê, durante o mesmo período de tempo, ele é igual a 100%.

Agora, imaginem que digam a vocês que uma criança teve um atraso de três ou seis meses em seu desenvolvimento. Isso é muito ou pouco? Se for no primeiro ano de vida, isso é muito, mas se ela estiver em seu 13º ano de vida, isso não acarretará nada de muito sério. Do ponto de vista da astronomia, cada mês é igual a outro; contudo, isso perde seu significado no desenvolvimento. O valor de cada mês depende do ciclo de desenvolvimento em que está contido e do lugar que ocupa. Dizer que uma criança de dois anos está com um atraso de um ano em seu desenvolvimento mental significa que é muito e que ela se diferencia consideravelmente de uma criança real de dois anos. Dizer, contudo, que um adolescente de 15 anos tem idade mental de 14, ou seja, que está atrasado também um ano, provavelmente evidencia um atraso extremamente insignificante.

Novamente, do ponto de vista do desenvolvimento, o valor de cada intervalo de tempo se define não pela dimensão desse intervalo – um ano ou cinco anos ou um mês –, mas pelo lugar dele no ciclo de desenvolvimento da criança. Isso está relacionado **ao fato de que o tempo e o conteúdo do desenvolvimento mudam nos diferentes anos de vida e de desenvolvimento da criança**.

O segundo exemplo esclarecerá isso um pouco mais para vocês. Vocês terão de lidar com ele desde o início na metodologia de investigação pedológica de crianças. Imaginem que encontrem crianças que nasceram no mesmo dia e na mesma hora. Isso significa que elas são coetâneas. Agora, imaginem que as estejamos investigando três anos depois. Pergunta-se: todas essas crianças, que nasceram no mesmo dia e na

mesma hora e viveram em condições mais ou menos semelhantes, estarão em um mesmo nível de desenvolvimento? Pela certidão de nascimento,¹¹ elas são coetâneas em relação ao dia e à hora e vocês estão investigando o seu desenvolvimento. Verifica-se, então, que o desenvolvimento dessas crianças, que nasceram no mesmo dia e na mesma hora, não transcorre igualmente, passo a passo, como, por exemplo, os relógios em que damos corda na mesma hora e que começam a marcar o tempo juntos, minuto a minuto, coincidindo com outros relógios. Além disso, se observarmos algumas delas, comparando-as com seus colegas coetâneos, veremos que, no seu desenvolvimento, muitas estarão adiantadas, outras, atrasadas e outras, ainda, se encontrarão no meio. Isso significa que, se observarmos crianças coetâneas, nascidas no mesmo dia e hora, à medida que se desenvolvem, apesar de estarem no mesmo período astronômico, com igual quantidade de anos, meses e dias, conforme a certidão de nascimento, na verdade, encontram-se em diferentes níveis de desenvolvimento.

Vamos a um exemplo simples. Como vocês sabem, as crianças começam a falar de modo minimamente compreensível por volta dos dois anos. Vamos analisar algumas crianças que nasceram no mesmo dia e na mesma hora e ver o que acontece aos dois anos. Um indicador do seu modo de falar, aos dois anos, é o surgimento das primeiras orações. A criança não fala apenas palavras isoladas, mas emprega, pela primeira vez, uma frase composta. Verifica-se, então, que uma de nossas crianças coetâneas empregou a primeira frase composta com um ano e oito meses; outra, aos dois anos; e uma terceira, aos dois anos e dois meses. Vocês estão vendo que cada criança atingiu o mesmo nível de desenvolvimento, um pouco antes, no período esperado ou ainda um pouco mais tarde. Assim, há a necessidade de determinar a **idade pedológica, ou seja, o nível de desenvolvimento que a criança realmente atingiu** e não a sua idade segundo a certidão de nascimento. Por exemplo, conforme a certidão, podemos dizer que todas as crianças têm dois anos? Sim. Pela certidão todas as crianças têm dois anos. Mas a idade pedológica, ou seja, a idade da fala de uma delas é de dois anos e quatro meses; a da outra, de dois anos; e a da terceira, de um ano e 10 meses. O que significa a idade da fala? Significa o nível real de desenvolvimento que elas atingiram.

11 É comum Vigotski referir-se à “idade do passaporte”. Na Rússia, o passaporte é o documento de identidade. Existe o passaporte interno, para o território russo, e o estrangeiro, que serve para as viagens ao exterior. O autor está se referindo, obviamente, ao passaporte interno e à idade das crianças, que, no Brasil, aparece na certidão de nascimento.

Sobre a terceira, podemos dizer que, embora, pela certidão de nascimento, seja uma criança de dois anos, pelo nível do desenvolvimento da fala, ela é uma criança de um ano e 10 meses. A idade pedológica de sua fala está atrasada em dois meses em relação à da certidão. Sobre a segunda criança, posso dizer que a idade da certidão e a pedológica coincidem. A respeito da primeira criança, posso dizer que a idade pedológica se antecipou à da certidão em quatro meses. Conseqüentemente, sempre que tomamos um grande grupo de crianças, verifica-se que parte delas adiantou-se no desenvolvimento, enquanto outra parte ficou para trás em comparação com a idade da certidão. Saber determinar a idade pedológica da criança, ou seja, o nível de desenvolvimento em que se encontra é um dos principais procedimentos com os quais a pedologia opera. Ela opera com a idade pedológica da criança e o grau de divergência, para mais ou para menos, entre essa idade e a da certidão.

Surgem, aqui, duas questões que precisam ser esclarecidas. Vocês podem me perguntar: primeiramente, como eu sei que, aos dois anos, a criança tem que pronunciar a primeira frase? Como eu sei disso? Parto da premissa de que qualquer criança deve pronunciar a primeira frase aos dois anos. Por isso, digo que ela se antecipou. Ela tem um ano e oito meses conforme a certidão de nascimento e, pela fala, tem dois anos. De que maneira eu comparo? Para isso, tenho a resposta que vou apresentar detalhadamente no seminário. É exatamente a pedologia que determina a divergência entre a idade da certidão e a pedológica com os assim denominados padrões ou grandezas-padrão. A grandeza-padrão é uma grandeza constante, aceita como indicador para – pelo desvio em relação a ela – julgar o grau de divergência do curso do desenvolvimento esperado em relação ao curso do desenvolvimento real e ao modo como este transcorreu. Digamos que a grandeza-padrão de temperatura do nosso corpo seja 37°C e o desvio para mais ou para menos [represente]¹² o grau de aumento ou queda da temperatura.

Como se obtêm esses **padrões pedológicos**? Eles são obtidos por meio da **investigação estatística de um grande número de crianças**. Estudamos uma grande quantidade de crianças, digamos 100, com hereditariedade saudável, sem doenças graves, normais e em condições iguais de desenvolvimento. Por exemplo, crianças de creches de Moscou onde há uma alimentação mais ou menos igual e demais condições para o

12 No manuscrito lê-se “mede” (N. da E. R.).

desenvolvimento. Verificamos que essas crianças apresentam, em média, um vestígio da primeira frase aos dois anos. Esta é a grandeza estatística média que o material apresenta, ou seja, quando a média estatística da criança apresenta esse vestígio. Comparo cada criança, separadamente, com essa grandeza estatística média e digo: se, na pesquisa estatística, uma criança média apresenta esse indicador aos dois anos e a minha apresentou com um ano e oito meses, então, esta se desenvolve mais rapidamente do que aquela.

Assim, a pedologia se apoia nesses padrões e grandezas constantes que caracterizam o desenvolvimento e permitem comparar a idade da criança segundo a certidão de nascimento com a sua idade real, estabelecendo os desvios para mais e para menos.

Nos dois exemplos, vimos, então, que o desenvolvimento não transcorre da mesma forma no tempo, de modo que seu ritmo e velocidade coincidam com o ritmo do curso do tempo astronômico ou cronológico. Vimos que, para o crescimento e para o peso, cinco meses não são a mesma coisa nos primeiros anos e no 12º ano de vida. Vimos que, pela certidão de nascimento, as crianças podem ser coetâneas, mas podem atingir a idade real em diferentes idades. Então, tanto um quanto outro exemplo nos convence de que, apesar de acontecer no tempo, **o desenvolvimento não é um processo organizado temporalmente de modo simples, mas de forma complexa**; seu ritmo não coincide com o ritmo do tempo.

Pergunta-se: como transcorre o desenvolvimento no tempo? A resposta a isso pode ser dada ainda de forma bem geral. Ele transcorre cíclica e ritmicamente, de tal forma que, se quisermos simbolizá-lo, numa superfície plana, com uma linha que se eleva vagarosa e gradualmente, como se a cada ano transcorresse um intervalo definido de desenvolvimento, não obteremos uma linha vertical reta, que seria uma representação equivocada. Se quisermos acompanhar o desenvolvimento de qualquer particularidade da criança – digamos, como ocorre o aumento do peso, o crescimento em altura, o desenvolvimento da fala –, teremos sempre que mostrar uma linha ondulada que segue em elevações, quedas e se move para cima, ou seja, se desenvolve em ciclos. **O tempo desse desenvolvimento não é uma constante**. Períodos de elevações intensas se alternam com períodos de desaceleração, de retração. O desenvolvimento se apresenta sob a forma de uma série de ciclos distintos, uma série de épocas distintas, de períodos distintos, dentro dos quais o tempo

e o conteúdo se manifestam diferentemente. É claro que, se qualquer alteração no desenvolvimento da criança ocorrer num período em que se espera uma elevação, isso tem um sentido. Contudo, se essa alteração ocorrer quando se esperava um leve declínio e não uma elevação, então o sentido é outro. Por exemplo, suponham que, no último ano, uma criança tenha ganho pouco ou nenhum peso. Isso é muito ruim se acontecer no **momento** em que deveria se dar o desenvolvimento real, fazendo-nos pensar por que essa criança não ganhou peso quando todas, nessa idade, o ganham abruptamente. Suponhamos que, em outro momento, ela não tenha ganho peso. Isso não me preocuparia porque ela estaria num período em que o ganho de peso deve ser reduzido. No desenvolvimento, o significado de cada mudança e de cada acontecimento isolado se define pelo ciclo a que estão relacionados.

Esses ciclos, essas ondas são observadas tanto em relação a diferentes aspectos do desenvolvimento, digamos, do crescimento, do peso, da fala, do desenvolvimento mental, da memória, da atenção etc., quanto em relação ao desenvolvimento como um todo. Se quisermos apresentar um quadro geral do desenvolvimento da criança, teremos uma linha ondulada. Esses ciclos isolados do desenvolvimento tomados juntos são chamados idades. A idade nada mais é do que um determinado ciclo de desenvolvimento fechado, separado dos outros ciclos, que se diferencia por seus tempos e conteúdos específicos. Se tomarmos as principais idades infantis, veremos também que elas, por sua duração, não coincidem umas com as outras. Por exemplo, a primeira idade – a do recém-nascido – dura aproximadamente um mês, e, apesar disso, é uma idade completa.

A idade seguinte é a do bebê, e dura aproximadamente nove ou 10 meses; a seguinte, até dois anos; a próxima – a idade pré-escolar –, quase quatro anos. Estão vendo como uma idade dura quatro anos e outra, nove meses? Isso significa que os ciclos das idades não coincidem e não são distribuídos no tempo de um modo simples tal que, em determinados interstícios de tempo, o desenvolvimento percorra também determinados intervalos do seu caminho. Assim, essa é a primeira lei ou a primeira especificidade do desenvolvimento infantil; é esse o processo que transcorre no tempo, mas o faz ciclicamente.

Agora, o segundo postulado que está relacionado a isso e que permitirá esclarecer mais profundamente as características do desenvolvimento infantil é a segunda especificidade, que normalmente carrega

a **denominação de desproporcionalidade** ou irregularidade. A criança é um ser muito complexo. Todos os seus aspectos se desenvolvem, **mas a segunda lei diz que particularidades isoladas não se desenvolvem de modo regular e proporcional**. Por exemplo, nunca ocorre que partes do corpo de uma criança, digamos, a cabeça, as pernas e o tronco, cresçam de forma igual. Numa certa idade, podemos observar um crescimento grande das pernas, mas bem menor do tronco e da cabeça. Assim, nunca ocorre que os sistemas orgânicos, os órgãos, por exemplo, os sistemas muscular, nervoso e digestivo, cresçam regularmente. Em cada período, sempre um dos sistemas cresce mais e outros, relativamente, menos e mais devagar. No bebê, num determinado período, veremos um desenvolvimento rápido e intenso dos sistemas nervoso e digestivo e um relativamente mais vagaroso do sistema muscular. Dessa forma, alguns sistemas e diferentes órgãos também não crescerão proporcionalmente. Alguns aspectos do desenvolvimento da criança, digamos o crescimento em altura e seu desenvolvimento mental, guardam relação entre si. Mas nunca vamos observar uma relação direta, regular, proporcional entre o desenvolvimento, digamos, do comprimento do corpo e da amplitude da mente. Não temos, aqui, um movimento direto e regular. Na vida mental da criança, num determinado período de desenvolvimento, nunca ocorre que, digamos, sua percepção, sua memória, sua atenção, seu pensamento se desenvolvam de forma completamente regular e por igual. Sempre algum aspecto de sua vida mental se desenvolve mais rapidamente e outros, mais devagar.

Isso significa, então, que o desenvolvimento jamais acontece de modo proporcional e regular em relação ao organismo infantil como um todo e à personalidade da criança. Isso nos leva a duas conclusões muito importantes das quais decorrem, digamos assim, algumas leis.

A primeira delas pode ser formulada da seguinte forma: já que o desenvolvimento não transcorre regular e proporcionalmente, então, **em cada novo degrau, ocorre não apenas o aumento de partes do corpo ou de funções, mas altera-se a correlação entre elas**. Se, por exemplo, em um dado período, na criança, crescem irregularmente a cabeça, as pernas, o tronco, isso resultará no fato de **que as proporções do seu corpo também serão alteradas**. Digamos que tenham transcorridos três anos e as pernas cresceram mais aceleradamente que a cabeça. O que acontecerá? Toda a estrutura do corpo será diferente, será outra. Anteriormente,

a criança tinha pernas curtas e cabeça grande. Agora, aparece de pernas compridas e cabeça pequena.

Uma vez que algumas funções e aspectos do organismo crescem irregularmente, então, em cada degrau determinado, ocorre não apenas um maior ou menor crescimento de aspectos isolados, mas também a reestruturação, o reagrupamento das relações entre as diferentes particularidades do organismo, ou seja, **a própria estrutura do organismo e da personalidade muda em cada novo degrau**. Este é o primeiro postulado.

O segundo consiste no fato de que existem algumas leis básicas que mostram que, em cada idade, determinadas particularidades da vida orgânica da criança e de sua personalidade parecem se deslocar para o centro do desenvolvimento, crescem muito e rapidamente. Antes e depois disso, elas crescem bem mais devagar e, como se diz, se deslocam para a periferia do desenvolvimento. **Isso significa que, no desenvolvimento da criança, cada particularidade tem seu período propício** para se desenvolver, ou seja, existe um período em que ela se desenvolve otimamente.

Digamos que o desenvolvimento da marcha da criança seja mais intenso por volta de um ano de vida, podendo começar um pouco antes e terminar um pouco mais tarde. Assim, é possível dizer que a marcha se desenvolve intensamente a partir do final do primeiro ano de vida até o final do segundo ano. Até esse período, desenvolve-se a marcha, ou melhor, as condições prévias para a marcha. Podemos predizer como essa criança andarão aos seis meses de vida dependendo do que observamos na formação do esqueleto, da musculatura e da motricidade de suas pernas. Mas não é possível dizer que, no primeiro ano de vida, a marcha se desenvolve tão vigorosamente quanto no segundo. Mais tarde, observaremos o desenvolvimento do modo de caminhar. Vamos admitir que um escolar ande melhor que um pré-escolar. Então, seria possível dizer que a marcha se desenvolve com tanto vigor quanto no primeiro período? Não. Isso significa que, se tomarmos como exemplo a marcha, veremos que, num determinado período, concentram-se os acontecimentos mais importantes no desenvolvimento dessa função. Antes disso, ocorre a preparação; depois, vem o aperfeiçoamento. Todavia, tanto a preparação quanto o aperfeiçoamento são bem mais vagarosos e empobrecidos do que o cerne do desenvolvimento.

Tomemos como exemplo a fala. Quando se desenvolve a fala? De novo, aproximadamente entre um ano e meio, três, quatro, cinco anos, quando a criança normalmente começa a dominar todas as formas básicas da língua materna. A fala se desenvolve antes como balbúcio? Sim. Continua a se desenvolver mais tarde, depois dos cinco? Sim. Mas nem antes nem depois dessa idade se desenvolve como um turbilhão, de modo tão intenso, e faz avanços tão importantes. O principal período em que a fala está no centro do desenvolvimento abrange exatamente essa faixa etária.

Dessa forma, vemos que cada função tem o seu período preferencial ou propício de desenvolvimento e, nesse período, uma determinada função passa para o primeiro plano. Transcorrido o ciclo correspondente de desenvolvimento, desloca-se para o segundo, e outra função se apresenta no primeiro plano.

Dessa forma, a **desproporcionalidade do desenvolvimento permite concluir** que lidamos com o desenvolvimento que não conduz apenas ao aumento de aspectos quantitativos das especificidades da criança. Conduz também à reestruturação das relações entre diferentes particularidades de desenvolvimento, sendo que cada idade se diferencia de outra por seu conteúdo de desenvolvimento. Numa determinada idade, algumas funções se apresentam em primeiro plano e outras, na periferia; na idade seguinte, outras funções, que estavam na periferia, passarão ao primeiro plano e as que estavam no centro, para a periferia.

Em particular, essa é a lei de acordo com a qual **as funções mais importantes amadurecem antes**. Por exemplo, a percepção se desenvolve antes da memória. Isso é bem compreensível para nós porque a percepção é requisito, é uma função bem mais importante. A memória pode surgir quando a criança já sabe perceber. A memória e a percepção se desenvolvem antes do pensamento. O que vocês acham: o que se desenvolve antes, a orientação no espaço ou no tempo? A orientação no espaço se desenvolve antes. Ela é um requisito, é uma função básica. Logo, **há regularidades nessa sucessão das funções**. Algumas funções amadurecem antes, outras mais tarde. Para que comecem a amadurecer, algumas têm outras como requisitos etc. Consequentemente, essa desproporcionalidade, essa irregularidade de tempos e do conteúdo do desenvolvimento em diferentes ciclos determina que, **entre os diversos aspectos do desenvolvimento durante os ciclos, há uma relação complexa e regular**.

As funções se apresentam umas antes e outras mais tarde, e a ordem não é casual, mas conforma-se à lei da relação interna que mantêm entre si.

Desvendamos agora que, na primeira lei (sobre o desenvolvimento cíclico infantil) e na segunda (sobre a desproporcionalidade ou irregularidade do desenvolvimento de diferentes particularidades), o processo de desenvolvimento tem uma estrutura extremamente complexa, uma organização muito complexa e um curso no tempo também complexo. Isso significa, então, que existem leis para essa estrutura complexa, esse curso complexo? Elas devem existir. Desvendar como atuam essas leis em cada caso separadamente é ou não importante do ponto de vista prático? É importante. Consequentemente, deve existir uma ciência que estude as leis do desenvolvimento e saiba aplicá-las na solução de uma série de tarefas práticas.

Tentarei relatar como a ciência estuda essas leis e resolve as tarefas práticas, mas antes falarei de duas especificidades básicas, duas leis fundamentais do desenvolvimento infantil.

A lei do desenvolvimento infantil consiste em que **nem sempre observamos processos apenas progressivos, que seguem em frente, mas também um desenvolvimento reverso de especificidades ou de aspectos próprios da criança numa etapa inicial.** Normalmente, essa lei é formulada de modo que **qualquer evolução no desenvolvimento infantil seja também uma involução, isto é, um desenvolvimento reverso. É como se os processos de desenvolvimento reverso ou inverso estivessem entrelaçados no curso da evolução da criança.**

Por exemplo, a criança que aprende a falar para de balbuciar. E não apenas isso. Como mostra a investigação, a criança falante, mesmo se quisesse ou se pedíssemos a ela, não conseguiria reproduzir seu balbucio, aqueles sons que produzia em forma de balbucio. Na criança que está desenvolvendo os interesses escolares, as formas de pensamento próprias ao escolar apagam os interesses da idade pré-escolar, apagam as especificidades do pensamento próprias da idade pré-escolar. Ocorre um desenvolvimento reverso das particularidades que dominavam anteriormente. Por exemplo, o desenvolvimento psicosexual da criança. Em cada estágio, a criança tem uma determinada organização ou estrutura da sua psicosexualidade. Na passagem para o degrau seguinte de desenvolvimento, não apenas surge uma nova estrutura ou organização da sexualidade infantil, mas os traços principais que caracterizavam a estrutura anterior se submetem a um desenvolvimento reverso.

Isso, é claro, não deve ser compreendido no sentido mecânico de que cada passo à frente está sempre ligado à simples anulação do que havia antes. **Existem relações muito íntimas entre os processos de involução e os de evolução**; há uma dependência íntima. Muito do que predominava antes não morre simplesmente, mas se reestrutura, se insere numa nova organização superior. Muita coisa morre, entretanto, no sentido direto dessa palavra. Há uma série de incorreções, de distúrbios do desenvolvimento infantil denominados **infantilismo**. Na tradução literal para o russo, infantilismo significa “infantilidade”. Quando estudamos em que consiste a essência desse distúrbio do desenvolvimento, nos convencemos de **que a essência consiste no fato de que foram atingidos os processos de involução e de que o sistema que, num desenvolvimento normal, deveria, na hora certa, passar para segundo plano não se apagou a tempo e não sofreu um desenvolvimento reverso**. A criança entra na idade seguinte e adquire traços que são característicos da idade madura, mas alguns aspectos conservam sua organização anterior, infantil; permanece a infantilidade de aspectos no âmbito do sistema característico de uma criança mais velha.

Finalmente, eis a última das leis do desenvolvimento em que eu gostaria de me deter para apresentar mais concretamente a ideia do objeto da pedologia. Normalmente, ela é formulada como a **lei da metamorfose no desenvolvimento infantil**. Vocês sabem que metamorfose são as transformações qualitativas de uma forma em outra. Ela é uma característica do desenvolvimento infantil e não se resume exclusivamente a mudanças quantitativas ou a um simples crescimento quantitativo, representando um circuito de mudanças e de transformações qualitativas. Por exemplo, quando a criança passa do engatinhar para o andar, do balbúcio à fala, das formas de pensamento concreto para o abstrato, para o pensamento verbal, em todos esses casos, não ocorre apenas um crescimento ou aumento de uma função anterior da criança, mas uma transformação qualitativa de uma forma que se manifestava de outro modo. Se tentarmos compreender essa expressão convencendo uma simples imagem, pode-se dizer que o desenvolvimento infantil está repleto desses exemplos que lembram a transformação do ovo em lagarta, da lagarta em crisálida, da crisálida em borboleta, ou seja, lembram a metamorfose biológica que observamos na ontogênese de alguns animais, mais especificamente dos insetos.

Poderíamos, agora, tecer algumas conclusões gerais com base nas leis do desenvolvimento que apresentei. Parece-me que os resultados poderiam ser formulados da seguinte forma. Primeiramente, vemos que **o processo de desenvolvimento infantil não é um mero crescimento quantitativo de determinadas particularidades; não é um processo que se resume apenas a crescimento ou incremento.**

É um processo complexo que inclui, por força [de sua ciclicidade]¹³ e de sua desproporcionalidade, **a reestruturação das relações entre seus aspectos, entre diferentes partes do organismo, entre diferentes funções da personalidade; uma reestruturação que conduz à mudança toda a personalidade da criança, todo o seu organismo, em cada novo degrau.**

Em seguida, podemos dizer que o processo de desenvolvimento infantil não se esgota apenas com essa reestruturação, mas inclui um circuito inteiro de mudanças e transformações qualitativas, de metamorfose, quando, diante dos nossos olhos, surge uma nova forma que, no degrau precedente, não existia, apesar de seu surgimento ter sido preparado pelo desenvolvimento anterior. Surge, agora, claramente para nós a ideia que, há muito tempo, bem antes da existência da pedologia científica, Rousseau expressava numa famosa frase que até hoje se repete e que, por sua essência, é uma frase com a qual se deve começar qualquer estudo da pedologia. Rousseau dizia que **a criança não é um simples adulto de tamanho pequeno; ela é um ser que se difere do adulto não apenas porque é menor em tamanho, não porque pensa de forma menos desenvolvida, digamos, ou por outras razões. A criança é um ser que se difere do adulto qualitativamente pela estrutura de todo o organismo e de toda a personalidade.** Por isso, a transformação da criança em adulto não é um simples crescimento do pequeno adulto que está dado desde o início, mas o trajeto de uma série de mudanças qualitativas pelas quais deve passar até atingir certo grau de amadurecimento. A mesma coisa que Rousseau diz sobre a criança pequena em comparação com o adulto se aplica também às crianças em diferentes degraus etários. Assim como a criança não é um adulto em miniatura, o pré-escolar não é simplesmente um escolar pequeno e o bebê não é um pré-escolar menor. Ou seja, de novo, **a diferença entre certas idades consiste não simplesmente em que, no degrau inferior, estejam menos desenvolvidas as especificidades que se apresentam mais desenvolvidas nos degraus superiores. A**

13 No manuscrito, “ritmo” (N. da E. R.).

diferença consiste no fato de que a idade pré-escolar, a idade escolar etc., todas elas representam etapas específicas no desenvolvimento da criança. Em cada uma dessas etapas, a criança se apresenta como um ser qualitativamente específico que vive e se desenvolve segundo leis diferentes próprias de cada idade.

Agora, vamos nos deter brevemente em algumas questões teóricas e metodológicas relacionadas à compreensão do desenvolvimento infantil. Provavelmente, vocês entendem que o desenvolvimento infantil é um processo complexo, sensivelmente organizado e que tem uma estrutura e regularidades complexas, e que, na discussão teórica do mesmo, não há consenso entre as diferentes tendências da pedologia. Como vocês sabem, não existe consenso na compreensão dos conceitos básicos, assim como sobre a origem da vida, na biologia.

O conceito de vida, na biologia, é motivo para a divisão de todo o pensamento científico burguês em dois campos – o dos vitalistas e o dos mecanicistas –, da mesma forma que o de desenvolvimento infantil pertence a certo número de conceitos básicos que devem ser esclarecidos do ponto de vista filosófico e teórico geral. Aqui também não vamos encontrar consenso de pontos de vista entre os investigadores.

Quais são as principais soluções metodológicas dessa questão sobre a natureza do desenvolvimento infantil que existem hoje na ciência e que vocês encontrarão quando estudarem os cientistas que constroem a pedologia ou que participaram anteriormente de sua elaboração?

Para ser breve e claro, parece-me que podemos dividir as teorias do desenvolvimento infantil em três grupos.

O primeiro está ligado, de alguma forma, ao que vocês provavelmente conhecem da embriologia, mais precisamente da história da embriologia e do que costumamos chamar de preformismo. Vocês sabem que preformismo é o nome de uma teoria que supunha que, no embrião, na semente a partir da qual se inicia o desenvolvimento embrionário, já estaria previamente contida a forma futura que deveria surgir no final do desenvolvimento, só que em tamanhos pequenos. O desenvolvimento consistiria apenas no fato de essa forma pequena, microscópica, aumentar e se desenvolver em uma forma correspondentemente mais madura. Na tradução para o russo, preformismo significa “a existência de uma forma anterior”. Vocês sabem que, desse ponto de vista, no estágio inicial, anterior à embriologia científica, supunha-se que a semente do

carvalho continha o futuro carvalho com todas as suas raízes, com todos os seus galhos, suas folhas, e que o desenvolvimento consistiria apenas no fato de esse carvalhinho microscópico se transformar num enorme carvalho.

Admite-se o mesmo (por via especulativa, bem entendido, ainda que alguns defensores desse ponto de vista afirmem que verificaram isso experimentalmente) em relação ao embrião humano, que conteria, já formado, o futuro homem, e que o desenvolvimento embrionário levaria esse homem microscópico a se transformar num recém-nascido. Na embriologia, essas teorias foram deixadas para trás há muito tempo e têm apenas um significado histórico. Na pedologia, elas conservam até hoje um significado atual. Existem, e não são poucos, grandes cientistas sérios que defendem esses pontos de vista.

Penso que fica claro por que essas teorias fizeram um ninho mais denso e firme na pedologia do que na embriologia. Pois bem. Essa teoria é absurda, contradiz muito os fatos e, assim que começou a elaboração experimental da embriologia, foi muito fácil demonstrar que esse é um postulado fantasioso e não corresponde à realidade. Na pedologia, contudo, isso é mais difícil porque a criança recém-nascida, por sua aparência, realmente dá a impressão de um homem quase formado. Pela estrutura do seu corpo, pela presença de todos os órgãos, o bebê parece um homem pronto e terminado, apenas sem ter o tamanho de um homem adulto. Por isso, o preformismo foi o que durou mais tempo e ainda hoje existe na teoria [embriológica]¹⁴ ou pós-embriológica do desenvolvimento.

Como ele se manifesta? Na pedologia, em que consiste essa teoria? Ela parte do ponto de vista de que tudo que se desenvolve no homem, na criança tem sua base última em rudimentos hereditários. De alguma forma, toda característica, toda particularidade contígua ou distante, direta ou indiretamente, guarda relação com embriões contidos nas características hereditárias da criança. Essa teoria supõe que se encontram nesses embriões as predisposições para o desenvolvimento dos aspectos que caracterizam um homem desenvolvido e que, como expressa um de seus principais representantes, o desenvolvimento nada mais seria do que a realização, a modificação, a combinação dos elementos do embrião. Todavia, se os embriões vingarem ou não, dependerá do desenvolvimento.

14 No manuscrito, “extraembriológica” (N. da E. R.).

Se uns vingam e outros não, então o quadro será diferente daquele em que todos ou os últimos vingam, mas não os primeiros. Em seguida, como diz esse estudioso, no desenvolvimento, esses embriões se modificam, ou seja, mudam de forma dependendo das condições em que se desenvolvem, atenuam-se ou intensificam-se e, então, tornam-se mais flexíveis ou, ao contrário, mais rígidos, mais resistentes, dependendo das condições em que surgem.

Finalmente, no transcurso do desenvolvimento, eles podem estabelecer combinações. Por exemplo, não se pode admitir que, nos rudimentos hereditários, haja predisposição para determinar qual das crianças recém-nascidas será, no futuro, um engenheiro ou o melhor especialista em datilografia. Isso depende da combinação que há nos embriões. Para cada atividade seria necessária uma combinação de particularidades. No desenvolvimento, dependendo de como se combinarão as especificidades, será verificado que um pode ser o melhor engenheiro e outro, o pior; um poderá ter mais capacidade para datilógrafo e outro, menos. Então, isso significa que, desse ponto de vista, tudo está contido previamente nos embriões e o desenvolvimento transcorre apenas, repito, como realização, modificação e combinação de inclinações neles contidas previamente.

A inconsistência desse ponto de vista, penso, é muito fácil de demonstrar, levando em consideração que ele, em geral, nega, em sua essência, o processo de desenvolvimento, assim como faz toda teoria ligada à ideia de preformismo. Já que tudo está dado previamente desde o começo, já que tudo ocorre apenas como uma realização, modificação e combinação do que já estava dado desde o início, pergunta-se: o que, em geral, diferencia o processo de desenvolvimento de todo processo de vida? Por exemplo, um homem maduro ou cada um de nós. Será que a realização ou não de nossas capacidades não depende das condições de nossa vida? Será que as condições de vida não mudam ou não modificam nossas particularidades? Será que, quando adultos, em alguma atividade, não combinamos nossas inclinações? Consequentemente, se o desenvolvimento se resumisse apenas àquilo, então, em geral, o desenvolvimento não se diferenciaria do não desenvolvimento nem de qualquer outro estado.

Pois bem. O que é essencial, o que é mais importante e nos permite destacar o desenvolvimento como um processo específico entre todos os

outros? Penso que vocês concordarão comigo se eu disser que **o aspecto** mais importante que faz com que o desenvolvimento seja desenvolvimento, que lhe atribui uma qualidade sem a qual não pode ser chamado de desenvolvimento, é o **surgimento do novo**. Se, diante de nós, temos um processo no decorrer do qual não surge nenhuma nova qualidade, nenhuma nova particularidade, nenhuma nova formação, então, é claro, não podemos falar em desenvolvimento no sentido próprio dessa palavra.

Vamos tomar como exemplo o desenvolvimento cosmológico, quando da nebulosa se formam corpos celestes, sistemas inteiros, digamos o sistema solar. Por que denominamos isso de desenvolvimento? Porque ocorreu o surgimento de novos mundos, novos sistemas, novos corpos celestes que não existiam antes. Por que falamos de desenvolvimento da terra na geologia? Porque também ocorreu o desenvolvimento de uma série de formações rochosas novas que não existiam antes. Por que, na história, falamos de desenvolvimento histórico da humanidade? Porque surgem novas formas de sociedades humanas nunca existentes na história. Digamos que, agora, nos encontremos numa das mais grandiosas rupturas históricas vividas pela humanidade, nos encontremos às vésperas de um novo regime social que nunca existiu na história da humanidade. O que isso significa? Significa admitir que o processo histórico é desenvolvimento histórico, um processo ininterrupto de surgimento do novo. Apenas nesse caso podemos falar em desenvolvimento.

Do ponto de vista da teoria que estamos analisando, no desenvolvimento ocorrem apenas a realização e a modificação do que está dado desde o início. Em outras palavras, do ponto de vista dessa teoria, não surge nada novo. Já que é assim, fica evidente que, como já havia dito, essencialmente, ela leva à negação de qualquer desenvolvimento. Para ela, a criança é um pequeno adulto, ou seja, é um ser que, em seu estado embrionário e em pequenas proporções, já contém o que estará desenvolvido em proporções maiores no adulto. O desenvolvimento consistiria apenas no crescimento do que já se encontra, em pequenas proporções, no embrião, tornando-se maior. Consequentemente, essa teoria leva inevitavelmente à negação do próprio desenvolvimento.

Outra teoria, contrária a essa, também não me parece correta e consiste na ideia de **que o desenvolvimento é analisado como um processo determinado não por suas leis internas, mas como um processo total e**

externamente determinado pelo meio. Esses pontos de vista se desenvolveram na ciência burguesa e tiveram lugar na pedagogia soviética durante muito tempo. **Supunha-se que a criança era um produto passivo,** resultado das influências do meio, e, assim, o desenvolvimento consistiria no fato de a criança absorver, acolher de fora para dentro particularidades que estão presentes nas pessoas que a rodeiam. Por exemplo, dizem que o desenvolvimento da fala acontece porque a criança ouve. Falam em torno dela, ela começa a imitar e também a falar. Ela simplesmente assimila, decora a fala. Pergunta-se: por que ela assimila a fala a partir de um ano e meio até os cinco e não antes nem mais tarde? Por que ela assimila desse modo e passa por determinadas etapas? Por que a criança não decora a fala da mesma forma como se decora uma lição na escola? Essa teoria não pode oferecer resposta a todas essas perguntas. Desenvolve, contudo, seu ponto de vista até o fim, analisando a criança não como um adulto em miniatura (essa ideia pertence à teoria do preformismo), mas como uma “tábula rasa” – provavelmente, já ouviram essa expressão. Os pedagogos e os filósofos antigos diziam que a criança é uma “tábula rasa” – uma folha de papel em branco, uma tabuleta em branco, como dizem (os romanos escreviam nessa tabuleta branca), em que não está escrito o que deveria. Ou seja, a criança seria um produto puramente passivo que, desde o início, não acrescentaria nada de si, nem teria quaisquer momentos que determinassem o curso de seu desenvolvimento. Isto é, ela seria um simples aparato de absorção, apenas um recipiente que, durante o seu desenvolvimento, seria preenchido com o que comporá o conteúdo da sua experiência. A criança seria simplesmente uma marca do meio. Por via externa, assimila e adquire o que vê nas pessoas ao seu redor.

Se a primeira teoria leva à negação do desenvolvimento porque ensina que nele tudo está dado desde o início, **a segunda também o faz,** porque o substitui pelo simples acúmulo da experiência, pelo simples reflexo das influências do meio e não pelo processo de movimento interno da criança.

Como vemos, de forma semelhante, essas duas teorias levam a um mesmo resultado. Em sua essência, não resolvem, mas aniquilam o problema do desenvolvimento. Como diziam antigamente, não desatam, mas cortam o nó. Tanto numa quanto na outra, apesar de uma ver tudo na criança e negar qualquer influência do meio sobre ela e a outra ver tudo no meio e negar qualquer significado na própria criança, o

resultado conduz ao mesmo ponto, à negação do desenvolvimento. Uma o substitui pela realização das inclinações que estão embrionariamente dadas, e a outra, pelo simples acúmulo da experiência. Como já disse, lá e cá está ausente o mais importante, aquilo sem o que não se pode tratar de desenvolvimento. É exatamente lá e cá que está ausente a ideia de que a base do desenvolvimento é o surgimento do novo.

Por isso, em geral, o terceiro grupo de teorias – que ainda são elaboradas por diferentes autores e, em medidas distintas, não estão definitivamente purificadas de pontos de vista frequentemente equivocados, tomados emprestados do primeiro e do segundo grupo –**está no caminho em que, mais cedo ou mais tarde, a pedologia deverá construir uma teoria do desenvolvimento realmente correta e metodologicamente irrefutável.**

Já mencionei algumas vezes o que é mais importante para esse terceiro grupo de teorias quando falei da crítica aos dois primeiros grupos. Na base desse grupo de teorias há a ideia de que o desenvolvimento da criança é um processo **de constituição e surgimento do homem, da personalidade humana, que se forma por meio do ininterrupto aparecimento de novas particularidades, novas qualidades, novos traços, novas formações que são preparados no curso precedente de desenvolvimento e não estão presentes, já prontas, em tamanhos reduzidos e tímidos, nos degraus anteriores.**

Tentei mostrar que a primeira e a segunda teorias levam à negação do desenvolvimento. Assim, pois, elas não podem e não querem explicar que surge algo novo. É exatamente essa ideia de surgimento do novo que compõe o núcleo principal do terceiro grupo de teorias.

Assim, de acordo com esse terceiro grupo, desenvolvimento é um processo de formação do homem com todas as suas particularidades; é um processo que transcorre por meio do surgimento, em cada degrau, de novas qualidades, novas especificidades, novos traços e formações características do homem. Todas essas particularidades, qualidades novas, surgem não como se tivessem caído do céu, mas são preparadas pelo período precedente de desenvolvimento. Assim como o avanço do socialismo foi preparado pela história precedente de desenvolvimento e de decomposição do capitalismo, aqui também acontece isso. Todavia, ao mesmo tempo, não é possível dizer que o socialismo já esteja contido na forma capitalista. Aqui também lidamos com o fato de que essas novas

formas que surgem em determinado degrau etário são preparadas por todo o curso de desenvolvimento, mas não se encontram prontas.

Então, do ponto de vista do terceiro grupo de teorias, desenvolvimento é um processo **de formação do homem ou da personalidade que acontece por meio do surgimento, em cada etapa, de novas qualidades**, novas formações humanas específicas, preparadas por todo o curso precedente, mas que não se encontram prontas nos degraus anteriores.

É importante levar em consideração duas ideias inevitáveis para uma definição cientificamente correta da nossa compreensão. A primeira é: **no desenvolvimento, surge algo novo**. Ele não é simplesmente um processo de formação antecipada e isso difere a nossa compreensão da primeira teoria, a do preformismo. Mas é importante dizer também que o **novo** não cai do céu, **surge necessária e regularmente do curso precedente do desenvolvimento**, ou seja, é necessário mostrar a relação entre o novo e o precedente. Por isso, ao se rechaçar a primeira teoria, não se pode negar totalmente o que nela é verdadeiro, mais precisamente, a relação entre as etapas posteriores do desenvolvimento e **o passado, e que o passado, no futuro, tem uma influência iminente no surgimento do presente**. É preciso também ligar isso à ideia de que surgem novas formações e traços específicos do homem seguindo as leis do desenvolvimento, isto é, eles não são acrescentados de fora, de modo inesperado e independente da criança; não caem do céu, não são criados por uma força vital que, em determinada hora, dita seu aparecimento. Seu surgimento é necessária e historicamente preparado pela etapa precedente. Essa segunda ideia também é preciso conservar e arrolar.

Relatei de forma abstrata essas especificidades porque persegui apenas um objetivo: tornar mais consistente a nossa ideia do objeto da pedologia. Queria mostrar que o desenvolvimento da criança é um processo complexo, que contém uma série de regularidades muito complexas, e que o objeto dessa ciência está no estudo dessas regularidades.

Vamos conversar sobre as atribuições práticas da pedologia e seus procedimentos quando formos falar da análise clínica das crianças e examinar como são utilizados os dados pedológicos para análise de seu desenvolvimento. A análise concreta das teorias, da última, em particular, faremos ao longo das nossas duas próximas aulas, quando falaremos sobre o método da pedologia, sobre como ela estuda o desenvolvimento infantil, sobre o meio e a hereditariedade, ou seja, sobre quais são as leis

concretas que existem para a determinação da influência das inclinações hereditárias no desenvolvimento e qual é o papel real do meio no desenvolvimento da criança. Então, parece-me, tudo isso ficará mais claro e mais concreto.